



**VI CONGRESO LATINOAMERICANO
DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN
BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023**

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

**As paixões humanas, a formação do homem virtuoso e o pensamento latinoamericano:
reflexões para uma ética na sala de aula**

Alonso Bezerra de Carvalho
Universidad Estadual Paulista
alonso.carvalho@unesp.br

Fabiola Colombani
Universidade de Marília
fabiolacolombani@unimar.br

Palavras-chave: paixões, virtude, ética, pensamento latinoamericano

Resumo

O objetivo deste trabalho é promover uma reflexão a partir do tema das paixões humanas e de sua contribuição no processo de formação do homem virtuoso, de maneira a pensar possíveis ressonâncias no campo da educação, especialmente no ambiente da sala de aula, sobretudo em um lugar situado que é a América Latina. De caráter teórico, o propósito do trabalho é retomar algumas ideias da filosofia aristotélica que considera as paixões como movimentos da alma humana que não podemos extirpar, condenar ou reprimir e colocá-las em diálogo com a realidade latinoamericana, tomando algumas ideias do filósofo Rodolfo Kusch como referência. Em um primeiro, partiremos das reflexões trazidas por Aristóteles e seus desdobramento no debate filosófico ocidental, para em seguida, articular com os apontamento kuschianos, de maneira a pretender contribuir no debate educacional contemporâneo.

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles entende por paixões (*páthos*) os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, enfim, os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor. Segundo ele, qualificar um homem de bom ou de mau caráter, isto é, virtuoso ou não, supõe que ele tenha a possibilidade de agir a partir das experiências passionais que vive em sua vida, sobretudo na sua relação com os outros. A excelência ética (*areté*) só pode ser determinada pelo modo de reagir às paixões



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

e, mais precisamente, pelo modo como um homem pode temperá-las. Nas palavras de Lebrun (1987, p. 19), “sempre que eu ajo de modo a revelar meu caráter, meu comportamento emotivo [passional] entra sempre em jogo, pois os outros não dispõem de outro critério para me julgar. Sem as paixões, também não haveria uma escala de valores éticos”. As paixões cumprem, portanto, o positivo papel de nos conduzir ao movimento, à ação; sem elas haveria estagnação; é a energia patente que leva o sujeito à busca, às conquistas e à saída do estado de inércia, caminhando na direção de um processo de formação dos seus valores éticos. Nesse sentido, a tarefa da ética, com uso do *logos*, é educar nossos desejos para que não se tornem vícios e colabore com a ação feita por meio da virtude.

Diferentemente de Platão, que foi o primeiro a colocar as paixões em um mesmo plano das doenças, por isso a ideia de *patológico*, Aristóteles não expulsa a afetividade, mas busca os meios pelos quais o desejo *passional* se torne desejo virtuoso. O homem virtuoso age corretamente e em harmonia com suas paixões, pois ele as dominou uma vez por todas. Isso significa dizer que deveríamos compreendê-las como uma tendência implantada na natureza humana, porém suscetível a ser educada. Todavia, essa educação das paixões não é uma simples repressão, mas a capacidade de dominá-las e de nos tornar aptos a utilizá-las de maneira adequada. Não poderíamos ser julgados bons ou maus pela paixão que sentimos, visto que ninguém escolhe suas paixões e, por isso, nenhum homem pode ser responsável por elas, mas apenas pelo modo de reagir a elas. O homem virtuoso não é, portanto, aquele que cumpriu a tarefa – impossível – de renunciar a suas paixões, mas aquele que sabe dosá-las. Assim, pensar ou propor uma escala objetiva e a priori de valores, independentes das situações vividas por cada um de nós, é impossibilitar a formação de um caráter razoável, equilibrado e elegante no homem. A ética de Aristóteles é uma ética da prudência, ou seja, o virtuoso é aquele homem que, passional como todos os demais, soube educar suas paixões e agir de maneira adequada, com tanta paixão quanto é preciso em cada circunstância determinada.

Enfim, virtuoso é aquele que tem livre escolha em seu agir; para ele não há inclinações determinantes, mas há prudência sobre o que é bom ou mau e que envolve a si mesmo e a todos os outros. A princípio, os atos virtuosos são repetidos sem um conhecimento reflexivo, entretanto, conforme avança o processo educativo surge a escolha de atitudes boas a partir de seu caráter com a real intenção de realizá-las. Para Aristóteles, não se trata, portanto, de reprimir os desejos, os sentimentos e as paixões, mas agir em harmonia com eles, pois não



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

haveria uma lei moral que prescreva o que é certo e errado em todas situações. Agiria de maneira correta aquele que, de maneira prudente, sabe usar bem suas paixões tanto quanto cada situação da vida requer. A proposta aristotélica nos leva a considerar e a problematizar o que se tem feito na sala de aula. Nela predomina uma postura e uma concepção que toma a razão como estando no centro do processo educativo. Há uma preocupação em assegurar que tudo possa passar pelo crivo da razão.

O processo de ensino-aprendizagem parece estar todo fundamentado em uma visão epistêmica, em que há uma supervalorização da dimensão intelectual, epistemológica e racional. Nessa concepção, a vida ética ou a vida virtuosa depende do conhecimento, pois é somente por ignorância que fazemos o mal e nos deixamos arrastar por impulsos e paixões contrários à virtude e ao bem. A partir desse entendimento é que podemos imaginar os desafios que professores e alunos enfrentam na sala de aula, seja no sentido de transmitir e apreender os saberes, seja no sentido das relações intersubjetivas que ali são estabelecidas. Se considerarmos o papel que as paixões cumprem na formação e na ação humana, como dissemos acima a partir de Aristóteles, talvez tenhamos que ressignificar as nossas atitudes, tanto do ponto de vista da formação dos professores como da prática docente na sala de aula. Se não há virtude e vida ética na ausência das paixões, é no justo meio que se faz delas, isto é, na mediania do *pathos* vivenciada nas circunstâncias da vida prática, cotidiana, a partir de um bom uso da razão (*logos*), que podemos constituir uma vida feliz, na qual cada um destes fatores essenciais à constituição do humano exerce bem suas funções e não por meio da repressão de um (as paixões) e a predominância do outro (a razão). Em suma, essas ideias nos oferecem elementos suficientes e, quiçá, necessários, para a compreensão e um enfrentamento inovador das circunstâncias dilemáticas, conflituosas bem como prazerosas que são vivenciadas no ambiente escolar, especialmente na sala de aula.

Por seu lado, a antropologia filosófica de Rodolfo Kusch procura indicar outros caminhos tanto na crítica à razão ocidental quanto no processo de compreensão e diagnóstico da cultura latinoamericana. Articulando essas duas posturas intelectuais e investigativas, ele procura mapear, de fato, o que é histórica e culturalmente específico dos povos que habitam esse outro lado do mundo. Kusch busca, entre outros objetivos, destacar a presença de um pensamento novo, arraigado nas manifestações da cultura popular e americana. Se a marca do Ocidente é universalizar os seus valores, suas crenças e pensamentos, talvez pudéssemos nos



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

exercitar no sentido de demarcar o que nos é específico, sobretudo a partir do lugar que “estamos sendo”, que é o continente latinoamericano.

Se o pensamento racionalista de influência europeia dominou a instauração e interpretação de nossa cultura, trata-se de desconstruir essa estrutura lógica que se colocava como superior, em detrimento das culturas autóctones e indígenas americanas. Na base das reflexões kuschianas está a ideia de que a racionalidade ocidental se centraria no *ser*, no ente, na coisa, enquanto a racionalidade indígena se fundaria no *estar*, no domicílio, no habitat. Adotando modos de observação próprios da ciência antropológica, foi a campo aprofundar suas intuições no sentido de se pensar e extrair uma filosofia autenticamente americana. Segundo Kusch, a experiência americana havia gerado uma situação ontológica e epistemológica única, que ele a caracterizava como um predomínio do “estar” sobre o “ser”. O pensamento racionalista europeu, ao negar o pensamento americano, transforma-o em um objeto sem vida e sem história, restando-nos construir um movimento de resistência e de autoafirmação, na busca da emancipação dos discursos e práticas que nos impedem de expressar nossa própria cultura de maneira integrada e autônoma.

A ideia de estar no mundo e nada mais (“estar no más”, “estar siendo”) seja como uma característica da cultura americana, seja como uma crítica à razão ocidental, como propõe Kusch, nos leva a regressar à história da própria filosofia, com a hipervalorização da razão esclarecida em detrimento de outras dimensões humanas, como a dimensão passional. Na perspectiva kuschiana, podemos pensar que a postura de não levar em conta as paixões humanas e o sentimento de medo como um contraponto ou outro lado da razão ou do ser, é desconsiderar um estado original que precisa ser olhado em sua singularidade e profundidade. Segundo Kusch, americanizar a filosofia é fazer uma reflexão sobre o conteúdo da própria consciência, em que o sujeito não pode ir mais além de sua vivência, pois é um sujeito fusionado no mundo. Para tanto, temos que considerar o solo que habitamos, que é o lugar que sustenta a vida e é seu apoio espiritual. A cultura tem que ter uma margem de arraigo, ser considerada como situada em um espaço, também geográfico. É do solo que emerge toda uma cultura e toda uma maneira de ser, de pensar, de agir e de falar, enfim, um *ethos*. Por isso a ideia de uma geocultura do homem latinoamericano.

Portanto, o solo, as paixões, o medo, os sentimentos, o aqui e o agora de nossa vida, são as características centrais para se pensar e compreender a singularidade da cultura



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

latinoamericana. É o “estar sendo” como estrutura existencial e como decisão cultural. Diferente do “ser” que define e que faz referência à essência, o “estar” assinala e aponta a condição, o modo exterior de *tudo aquilo que existe* (ente), sem preocupação com uma interioridade.

Segundo Kusch, o horizonte simbólico americano destaca o predomínio do estar sem mais, do “estar sendo”, o que implica mais do que aquilo que é enunciado ou dito pelo *ser*; é um viver puro, é estar domiciliado e “prendido a un suelo que se da como inalienable” (KUSCH, 2000, p. 238). Ao desconsiderarmos isso revelamos a nossa própria inautenticidade.

Isso quer dizer, explica Kusch, que nas culturas ocidentais, e que é bem manifesto na América, o *ser* se sobrepôs ao *estar*, conquistando-o. Porém, a trajetória do *estar* se confunde com o caos de um mundo que angustia, de um “mundo que é assim” e que deve ser contemplado e vivido, não no sentido de um progresso e de explicações científicas, simplesmente. Se de um lado, o mundo do ser europeu aparentemente resolveu o problema da hostilidade e do medo que o mundo oferece, por meio da teoria e da técnica, por outro lado, o mundo do estar americano não supõe uma superação da realidade, mas faz uma invocação a ela, colocando-a e colocando-se frente a ela. Enquanto o Ocidente cria a ciência e a educação para se contrapor e enfrentar o medo – diríamos, as paixões -, o indígena se mantém em sua “magia”, em seus rituais, conservando a realidade do mundo, limitando-se a interagir com a natureza, retirando dela o melhor proveito, mas com um profundo respeito.

É inspirados nessas reflexões que talvez seja necessário assumirmos uma maneira de pensar e de agir, inclusive no campo da educação, a partir daquilo que foi negado pela positividade ocidental. O que se tem ensinado nas escolas é uma visão da América distante daquele mundo vivido por seus primeiros habitantes e que foi ao longo do tempo destruído e desconsiderado, pois está fundada em um pensamento totalizador e em um superestrutura idêntica para todos os sujeitos, suprimindo as diferenças. “Es la América que lucha en contra de la borradora de lo humano y del sujeto dador de sentido y símbolos.” (CHELINI, 2012, p. 5).

Neste sentido, edificar um novo pensar e um novo agir, inclusive pedagógico, talvez seja necessário para nos contrapor aos impulsos individualistas do *eu moderno*, de matriz cartesiana, e refletir sobre um nós que não seja metafísico e nem abstrato, mas arraigado em suas origens, situado na terra e em suas raízes. Isso significa dar um passo atrás, voltar a um



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

estado embrionario que, como una semilla que crece, pueda dar frutos, en fin, una semilla que germina sin determinismos e que se compromete con el mundo a partir de un “estar siendo”.

Esto significa valorizar e retomar el tema de las pasiones, del miedo, de los gestos culturales que en América son bastante manifiestos, lo que sería una oportunidad para expresarnos e edificar nuevas instituciones y prácticas que garanticen un *ethos* americano, que considere al pueblo como fuente y riqueza de un nuevo núcleo existencial.



**VI CONGRESO LATINOAMERICANO
DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN
BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023**
**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores).
- CELINI, M. E. J. Kusch y la posibilidad de un nuevo pensar desde el “estar” americano. *FAIA*.
VOL. I. N° I. AÑO 2012. Disponível em <https://bit.ly/2N2INIO> Acesso em 04 fev 2023
- KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. Rosário: Editorial Fundación Ross. Obras completas. Tomo III, 2000.
- LACERDA, T. M. *As paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- TASAT, J. A. & BONFIM, C. (coords.). *Pensar América: pensadores latinoamericanos en diálogos*. Caseros/Salvador: UNTREF/UFBA, 2015.
- ZINGANO, M. *Estudios de ética antiga*. São Paulo: Discurso Editorial/Paulus, 2009.